



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO

CURSO DE BACHAREL EM FRANCÊS

**O GÊNERO ENTREVISTA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE
AULA**

ANA CAROLINA MEDEIROS DE MORAES

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria da Glória Magalhães dos Reis

Brasília/ DF

Julho 2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO

CURSO DE BACHAREL EM FRANCÊS

**O GÊNERO ENTREVISTA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE
AULA**

**Monografia apresentada ao curso de Letras da
Universidade de Brasília como exigência
obrigatória para obtenção do título de
Bacharel em Francês.**

ANA CAROLINA MEDEIROS DE MORAES

Esta monografia foi apresentada perante Mesa composta pela professora orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria da Glória Magalhães dos Reis, e pelas professoras Adriana Santos Corrêa (LET/UnB) e Mara Lúcia Mourão Silva (LET/UnB), no dia 3 de julho de 2014.

Brasília/ DF

Julho 2014

AGRADECIMENTOS

Concluir a realização deste estudo é uma tarefa muito gratificante ao final de mais esta etapa em minha vida. Isso não seria possível sem o devido apoio que tive durante toda a caminhada de estudos para chegar até aqui. Sou extremamente grata e fiel a todos aqueles que de uma forma ou de outra me incentivaram e me deram forças para a continuidade dos meus trabalhos.

Primeiramente agradeço a Deus, por iluminar todos os meus passos. Sem a presença dele, minha vida não teria sentido.

Agradeço à minha família por ser a base de tudo. Aos meus pais Miguel e Maria Genilda por tudo que me ensinaram. Pelo amor, carinho e preocupação diária que têm por mim. Aos meus irmãos pelo incentivo e por serem exemplo em minha vida. Ao meu noivo Epaminondas por estar sempre presente, por ter me ensinado todas as formas de amar.

Em especial à minha orientadora, Maria da Glória Magalhães dos Reis, que me acolheu desde o primeiro contato, enriquecendo este trabalho com sua sabedoria, conselhos e por ter me incentivado e tranquilizado durante todo o processo.

Às professoras que compõem a banca, pela atenção e simpatia ao aceitarem avaliar esta tese, contribuindo enormemente com suas experiências.

Aos mestres, pelo ensinamento e pela admiração que levarei comigo ao final desta etapa.

A todos estes muito obrigada!

RESUMO

Estetrabalho apresenta um estudo a respeito da inserção do gênero entrevista na perspectiva de aprendizagem de língua estrangeira. O objetivo deste estudo é levantar questionamentos no que se refere à colocação de gêneros discursivos como modelos didáticos, em especial as decorrências do gênero entrevista como instrumento de auxílio no estudo de uma língua. O presente estudo se estrutura em três capítulos, a saber: o primeiro capítulo apresenta a fundamentação teórica, abrangendo noções de língua e linguagem, gêneros do discurso e gêneros orais; o segundo capítulo se baseia na metodologia utilizada, em que será feito o estudo de caso; finalmente o terceiro capítulo se fundamenta na análise de dados, em que será analisado todo o material obtido como instrumentos de pesquisa. A presente proposta visa, ainda, a uma exemplificação do gênero abordado em sala de aula, sustentada na análise acima mencionada.

Palavras-chave: gênero entrevista, aprendizagem, língua estrangeira, gêneros discursivos.

RESUMÉ

Cet travail présente une étude sur l'insertion du genre interview dans la perspective d'apprentissage de langue étrangère. Le but de cette étude est soulever des questionnements en ce qui concerne à placer des genres discursifs comme modèles didactiques, en particulier les conséquences du genre interview comme un instrument d'aide à l'étude d'une langue. Cette étude se structure en trois chapitres, à savoir: le premier chapitre présente le fondement théorique, en englobant des notions de langue et de langage, des genres du discours et des genres oraux; le deuxième chapitre est basé sur la méthodologie utilisée, dans laquelle sera fait l'étude de cas; finalement le troisième chapitre est basé sur l'analyse des données, dans laquelle tout le matériel obtenu comme instruments de recherche seront analysés. La présente proposition vise, encore, à une exemplification du genre discuté en classe, soutenue dans l'analyse ci-dessus mentionnée.

Mots-clés: genre interview, apprentissage, langue étrangère, genres discursifs.

*Pois o silêncio não tem fisionomia, mas
as palavras muitas faces...*

Machado de Assis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
1.1. Língua - Linguagem sob a Perspectiva Discursiva.....	11
1.2. Gêneros do discurso.....	17
1.2.1. O enunciado: unidade real e concreta da comunicação discursiva.....	17
1.2.2. Os gêneros do discurso: tipos relativamente estáveis de enunciados.....	19
1.2.3. Gêneros do discurso e gêneros textuais.....	21
1.3. Gêneros orais – Entrevista.....	23
1.3.1. A entrevista (televisiva): um gênero a conhecer e dar a conhecer aos outros.....	24
1.3.2. Características gerais do gênero.....	28
1.4. As dimensões ensináveis.....	29
1.4.1. A situação de comunicação.....	29
1.4.2. A organização interna da exposição.....	30
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	33
2.1. Estudo de caso.....	33
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE DADOS.....	38
3.1. Aspectos levantados pelos alunos.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS.....	49

INTRODUÇÃO

Aprender uma língua estrangeira não é uma tarefa simples. Sabemos que é preciso dedicação e disciplina. Mais difícil ainda é a missão de ensinar a língua de uma forma que não fiquem lacunas durante a aprendizagem por parte de quem transmite o conhecimento da língua ao aprendiz.

Essas são preocupações antigas e atuais visto que o interesse pelo ensino e aprendizagem de uma nova língua sempre existiu, seja pela necessidade acadêmica ou profissional, seja pela motivação de inserção em uma cultura ou simplesmente por gosto e admiração.

Muito tem se discutido na área de Linguística Aplicada (doravante LA) a respeito do ensino de língua estrangeira, principalmente no que concerne a questão de existir (ou não) um método ideal e, ainda, quais contribuições cada método pode trazer para o professor de línguas. Tal discussão provém da constante busca por um aprimoramento dos princípios que norteiam a prática docente e o complexo processo de ensino e de aprendizagem de línguas estrangeiras.

Em consequência da demanda cada vez maior de aprender uma nova língua, foram criadas, ao longo de séculos, várias maneiras de ensiná-las, na tentativa de alcançar um resultado mais eficiente no processo do ensino-aprendizagem, ou melhor, um modo que alcançasse um resultado satisfatório, que capacitasse o aprendiz a se comunicar efetivamente na língua-alvo.

Assim, tem-se buscado não só os meios tradicionais de ensinar uma língua seguindo os padrões estabelecidos, como também a inserção de gêneros que despertem no aluno mais interesse no estudo daquela língua. Desta forma, é tarefa do professor, nos dias atuais, motivar seus alunos nesse processo de aprendizagem e incentivá-los a prosseguir os estudos da língua pela qual optaram.

É a partir da perspectiva de utilização da língua com propósitos mais concretos, em situações reais, que possibilitem um aprendizado efetivo tanto do léxico, da ortografia, da estrutura textual como também da própria expressão oral que propomos o presente trabalho.

Como exemplo de gêneros que podem ser utilizados para que o aluno de fato aprenda a língua e se sinta “imerso” naquela cultura temos a *entrevista*, um gênero que se caracteriza por estar entre o oral e o escrito. Neste contexto introdutório encontramos em Baltar (2004, p. 44) uma breve caracterização do gênero:

Quando ocorre, por exemplo, o gênero discursivo entrevista, simultaneamente está sendo aplicado o gênero textual entrevista, com os interlocutores desempenhando cada um o seu papel de enunciadorees no ato de linguagem, dentro de um ambiente discursivo.

Seguindo esse aspecto relevante, faz-se uma proposta de trabalho com o gênero entrevista para aulas de língua estrangeira. A decisão de escolha deste gênero discursivo é de relevante importância, pois considera a utilização das mais variadas competências linguísticas, dentre elas a intercomunicação oral, reprodução de discurso de terceiros, transcrição de falas e ainda habilidade de argumentação.

O presente trabalho direciona-se para os aprendizes de língua estrangeira, para que eles possam ser desafiados a superar possíveis dificuldades comunicativas, desenvolvendo habilidades que simulam uma situação real de uso da linguagem.

A intenção deste artigo é de aprofundar o estudo do gênero entrevista como instrumento de auxílio no estudo de uma língua, buscando ressaltar sua relevância para o desenvolvimento de habilidades dos estudantes em situações reais de suas vidas, qualificando assim suas habilidades de entender, relatar e transcrever a língua estrangeira e apresentar as falas de seus entrevistados.

Partindo da noção do conceito língua-linguagem sob a perspectiva discursiva, a presente pesquisa tem por finalidade mostrar a importância do gênero *entrevista* como forma de incrementar o ensino na aprendizagem de uma língua estrangeira. Ao final deste estudo, o leitor saberá em quais aspectos esse gênero contribui no aprendizado da língua e de que forma ele auxiliará o estudante na aquisição de uma nova língua.

A abordagem de pesquisa utilizada é qualitativa, uma vez que nossa pretensão não é a de quantificar dados, mas tecer significados/produzir sentidos sobre o que estamos analisando.

Este estudo está dividido em três partes. Primeiramente a fundamentação teórica, em que apresentarei a perspectiva discursiva do conceito língua-linguagem, os gêneros do discurso e o gênero oral – entrevista; em seguida, apresento a metodologia, na qual faço o estudo de caso; finalmente apresento a análise de dados, na qual será trabalhado todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as análises de documentos e as demais informações disponíveis.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Língua - linguagem sob a perspectiva discursiva

O estudo sobre as línguas e a linguagem, durante estes últimos anos, tem despertado a atenção dos profissionais e estudiosos da área. Podemos citar como exemplo a preocupação com o programa *Ciência sem fronteiras*, uma iniciativa fruto do esforço conjunto de várias entidades e instituições para promover a consolidação e internacionalização da ciência e tecnologia.

Essas preocupações, e por vezes iniciativas, apresentam mudanças consideráveis e relevantes, sobretudo naquilo que ultrapassa o vasto campo da linguística. Como todo estudo bem fundamentado, essas mudanças não são facilmente perceptíveis, mas são compreendidas a partir de pesquisas e de um aprofundamento nas questões levantadas por autores renomados na área para, a partir de então, compreender as preocupações dos linguistas.

Neste constante e incessante estudo, o que visam e o que esses estudiosos procuram com as reflexões sobre a língua? Segundo Benveniste, para o qual a língua é o patrimônio de todos os homens, “os linguistas de hoje veem os fatos da linguagem como abstrações e servem de argumentos a discussões áridas sobre o método e que a linguística se afasta das realidades da linguagem e se isola das outras ciências humanas”. (BENVENISTE, 2005, p.19). Entretanto, o autor defende que ocorre exatamente o contrário do que defendem os novos linguistas, pois os novos métodos da linguística servem como exemplo e modelo para outras disciplinas. As problemáticas da linguagem interessam agora a especialidades diversas e cada vez mais numerosas e, ainda, pode-se observar uma corrente de pesquisas que leva a ciência do homem a trabalhar dentro do mesmo espírito que anima os linguistas.

Dentro deste campo de discussões que envolvem a linguística, a LA e estudos afins, assuntos por vezes complexos até para os profissionais da área, que muitas vezes não chegam a um consenso, veremos como e por que a LA se transformou a partir de seus inícios.

Sabe-se que a linguística tem dois objetos: a ciência da linguagem e a ciência das línguas. “A linguagem é faculdade humana, característica universal e imutável do homem, diferentemente das línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza” (BENVENISTE, 2005, p.20). Assim, o linguista tem como objeto de estudo as línguas, sendo a linguística, num primeiro momento, a teoria das línguas e da linguagem. Nesse mesmo campo veremos que essas vias se entrelaçam frequentemente e muitas vezes se confundem, pois os problemas da língua põem sempre em questão a linguagem.

Aos poucos, por meio de muitos debates teóricos e com base no *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure (1916), chega-se a uma nova noção de língua, permitindo ser analisada nos seus elementos formais próprios. Tudo isso levou a linguística a entrar em sua terceira e atual fase, a qual tem por objeto a realidade intrínseca da língua, levando-a a ser uma ciência – formal, rigorosa e sistemática.

É importante lembramos que Saussure desenvolveu um estudo que apresenta a língua como sistema. Entre as várias dicotomias saussurianas, em que consideramos os elementos constituintes do signo linguístico – significado e significante, pode-se dar relevância à dicotomia *langue* x *parole*: em que temos “língua” – como sistema único, compartilhado com uma comunidade; e “fala” – um ato linguístico individual.

Assim como Saussure, quando os linguistas começaram a estudar a língua em si mesma e por ela mesma reconheceram um princípio que se tornaria o princípio fundamental da linguística moderna: a língua forma um *sistema*, visto que ela é um arranjo sistemático de partes, sendo composta por elementos formais articulados em combinações variáveis, segundo certos princípios de *estrutura*. Esta é formada por tipos particulares de relações que articulam as unidades de um certo nível (BENVENISTE, 2005, p.22). Desta forma, esses estudos mais recentes levaram à teoria da língua como *sistema de signos* e como organização de unidades hierarquizadas.

Benveniste nos esclarece que a abordagem descritiva, a consciência do sistema, a preocupação de levar a análise até as unidades elementares, a escolha explícita dos procedimentos são outros tantos traços que caracterizam os trabalhos linguísticos modernos.

Apesar de na prática vermos muitas divergências, digam-se conflitos entre escolas, nos limitamos nesta pesquisa aos princípios mais gerais, visto que o objetivo neste momento é mostrar não a prática, mas a teoria.

Partiremos agora para a função da linguagem nesta abordagem do desenvolvimento da linguística por parte dos pesquisadores.

Segundo os estudiosos do assunto, a linguagem tem a intenção de reproduzir a realidade. Ou seja, aquele que fala reproduz por meio do seu discurso o acontecimento e a sua experiência que esse acontecimento gerou. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e a partir deste, por meio de sua visão perspectiva, o acontecimento reproduzido pelo falante. Assim, para o locutor, o discurso representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Portanto, a linguagem passa a ser o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva (BENVENISTE, 2005, p. 26).

Seguindo essa linha de pensamento, o pesquisador da linguagem, exercendo seu papel, estima que não poderia existir pensamento sem linguagem. Logo, por representar a realidade, a linguagem reproduz o mundo, mas um mundo submetido à sua própria organização, ao seu próprio sistema. Isso também se dá por ser a própria linguagem articulada, formada por um arranjo de partes, que como um todo forma um sistema.

Pelo fato de a realidade ser representada pela linguagem, os linguistas defendem que a sociedade não é possível a não ser pela língua. E pela língua, também o indivíduo. Deste modo os estudos caminham para o fato de que o indivíduo e a sociedade se fundam na língua/linguagem. Mas por que essa fusão? Porque a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana: a faculdade de *simbolizar*. (BENVENISTE, 2005, p. 27)

Vista como a representação da realidade, a linguagem assim o é pelo fato da faculdade de o homem representar o real por meio de um “signo” e de compreendê-lo, pois assim se estabelece uma relação de “significação” entre algo e algo diferente.

Essa capacidade simbólica está na base das funções conceituais. O pensamento não é senão esse poder de construir representações das coisas e de operar sobre essas representações. É, por essência, simbólica¹.

De acordo com seus estudos, Benveniste defende que a faculdade simbólica no homem, de fato, atinge a sua realização suprema na linguagem, que é a expressão simbólica por excelência. A linguagem é um sistema simbólico especial: de um lado é um fato físico, o qual utiliza a mediação do aparelho vocal; de outro lado é uma estrutura imaterial, comunicação de significados. Assim, a linguagem é uma entidade de dupla face. Em decorrência disso é que o símbolo linguístico é *mediatizante*.

Depreende-se desses estudos que a linguagem, de fato, se realiza sempre dentro de uma *língua*, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade. Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra. Tanto uma quanto a outra são *dadas*, mas também são *aprendidas* pelo ser humano, o qual não possui delas o conhecimento inato. A aquisição da língua é uma experiência que se inicia, quando criança, com a formação do símbolo e a formação do objeto.

Portanto, após a análise desses estudos da língua e da linguagem no campo da linguística, verifica-se que é na língua e pela língua que o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. A diversidade de línguas, de culturas, de povos leva a afirmação que é definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura.

Neste sentido, Bakhtin (1992, p.279) estabelece seu postulado teórico a partir do princípio de que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Essa relação pode ser evidenciada pela infinidade de usos linguísticos existentes, reflexo das variadas formas de interagir nas diferentes esferas de atividade humana.

Isso provavelmente ocorre porque em nossa prática humana de interação mediada pela língua, assumimos naturalmente “o diálogo, por sua clareza e simplicidade, [como] a forma clássica da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p.294).

¹ DELACROIX, H. *Le langage et la pensée*, p. 602

Assim, baseando-nos na estruturação dialógica, ao constituirmos nossos enunciados², agregamos-lhes um caráter responsivo, configurando, por isso, um cenário comunicativo onde todos os enunciados em circulação nas diferentes esferas de ação humana respondem a enunciados anteriores e, ao mesmo tempo, provocam respostas (em enunciados) posteriores.

Nesta abordagem teórica, enfatiza-se o *diálogo* porque, segundo a perspectiva bakhtiniana, somente por meio do uso efetivo da língua, isto é, através de enunciados trançados em relação dialógica, é que as formas linguísticas passam a possuir valor.

Partindo-se da ideia de que a linguagem representa interação, pode-se pensar no campo subjetivo que a envolve. Assim, a linguagem seria uma transmissão do que se confia a alguém, como uma ordem, uma pergunta ou um anúncio e isto provoca no interlocutor um comportamento, cada vez, adequado.

De acordo com os ensinamentos de Benveniste (2005, p.285),

quanto ao papel de transmissão desempenhado pela linguagem, não podemos deixar de observar, de um lado, que esse papel pode caber a meios não linguísticos – gestos, mímica – e, de outro lado, que nós nos deixamos enganar, falando aqui de um “instrumento”, por certos processos de transmissão que nas sociedades humanas são, sem exceção, posteriores à linguagem e lhe imitam o funcionamento.

Devemos observar que, segundo o teórico, a linguagem está na natureza do homem, está implícito a ele, não é uma invenção nem um instrumento. O autor defende ainda que o homem nunca estará separado da linguagem, e não o vemos nunca a inventando. É um homem falando que encontramos no mundo, e os homens através da linguagem se comunicam entre si.

“É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de *ego*” (BENVENISTE, p. 286). A “subjetividade” que faz parte dessa linguagem é a capacidade do locutor se posicionar como “sujeito”. Nessa posição o homem irá formar um diálogo entre o sujeito *eu* e uma pessoa que será na alocação dele um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*. Dessa maneira, a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como *eu* no discurso.

² Enunciado é a “[...] unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p.293), ou seja, é a realização da língua no processo de interação linguística entre os seres humanos.

Nesse contexto, falamos realmente da linguagem e não apenas de línguas particulares, pois ela é profundamente marcada pela expressão da subjetividade.

O *eu* do diálogo acima mencionado faz referência então ao ato do discurso individual, que se refere a uma realidade: a realidade do discurso. Como afirma Benveniste, “é na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como *sujeito*” (BENVENISTE, 2005, p. 288). Por meio dessas análises pode-se afirmar que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. E isso se dá, num primeiro momento, em razão da presença dos pronomes pessoais, os quais revelam a subjetividade da linguagem.

Seguindo o raciocínio do autor, tem-se então que a linguagem pode ser subjetiva por conter marcas de expressão do locutor. Logo, esse discurso provoca a emergência da subjetividade criando, por conseguinte, a categoria da pessoa.

Um ponto relevante no estudo da subjetividade da linguagem, abordado pelo linguista, refere-se ao fato dos efeitos produzidos com a mudança das pessoas quando se utiliza verbos que denotam individualidade e alcance. Ele nos mostra que uma enunciação “subjetiva” pode passar a ser “não subjetiva” quando mudamos as pessoas do verbo de primeira para terceira pessoa respectivamente. Desse modo, Benveniste diz que “a terceira pessoa é a forma do paradigma verbal que *não* remete a nenhuma pessoa, porque se refere a um objeto colocado fora da alocação” (BENVENISTE, 2005, p. 292). É como se o pronome *ele* tirasse o valor de um fato enunciado se o mesmo o fosse pelo *eu*.

Para nos esclarecer essa relação de sujeitos que exprimem subjetividade ou não, o autor nos apresenta um exemplo simples, mas de fácil compreensão: a forma *je jure* é uma forma de valor singular, por colocar sobre aquele que se enuncia a realidade de um juramento. Assim a diferença fica clara ao se substituir *je jure* por *il jure*, pois enquanto o primeiro enunciado significa uma promessa, o segundo representa apenas uma descrição, assim como *il fume*, *il court*. Dessa forma, o ato é cumprido pela instância de enunciação do seu “nome” (que é jurar), ao mesmo tempo em que o sujeito é apresentado pela instância de enunciação do seu indicador (que é “eu”) (BENVENISTE, 2005, p.293).

1.2. Gêneros do discurso

No que se refere aos gêneros do discurso analisado sob a perspectiva dialógica da linguagem, os estudos de Bakhtin têm reconhecida importância histórica, sobretudo a respeito das concepções teóricas do seu Círculo, apresentando-se o autor como um interlocutor produtivo e atual. Nessa abordagem, Rosângela H. Rodrigues nos esclarece:

É como problematizador e interlocutor produtivo que podemos situar o Círculo de Bakhtin na linguística aplicada, pois as suas ideias têm impulsionado as discussões teóricas e os desenvolvimentos pedagógicos na área de ensino de línguas a partir de meados da década de 1980. Suas concepções vão ao encontro das discussões teóricas da área, mesmo que o foco central de atenção do Círculo não tenha sido o ensino/aprendizagem de línguas (2005, p.153).

As metodologias das práticas escolarizadas da produção e leitura de textos veem recebendo críticas há um certo tempo. Em razão disso, a concepção de que o ensino dessas práticas como interação verbal social tenha os gêneros do discurso como objeto de ensino, ganha cada vez mais força, abrindo espaço também para inclusão dos gêneros do discurso nessa perspectiva dialógica da linguagem. É o que nos ensina Rodrigues a respeito dos gêneros do discurso na abordagem de Bakhtin.

1.2.1 O enunciado: unidade real e concreta da comunicação discursiva

Segundo os conceitos de Bakhtin, em sua obra *Os gêneros do discurso*,

o uso da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, ‘proferidos’ pelos participantes de uma ou outra esfera da atividade humana; que o enunciado não se repete, pois é um evento único (pode somente ser citado); que o enunciado é a unidade real da comunicação discursiva, pois o discurso só pode existir na forma de enunciados; e que o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permite compreender de uma maneira mais correta a natureza das unidades da língua (a palavra e a oração, por exemplo) (2003b [1959-1961] apud RODRIGUES, 2005, p. 154).

Para uma compreensão mais clara sobre a conceituação do que vem a ser enunciado na perspectiva discursiva da linguagem, é preciso ter em mente os conceitos *língua* e *discurso* na abordagem bakhtiniana. Segundo o autor, “língua é constituída (...) pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação [enunciado] ou pelas enunciações [enunciados]”

(RODRIGUES, 2005, p.155). Essa interação verbal constitui a realidade fundamental da língua e sua ocorrência concerne à vida cotidiana. Nesse caso, *língua* e *discurso* se convergem para uma mesma conceituação.

Com o auxílio do livro *Problemas da poéticade Dostoiévski*(1997 [1929]apud RODRIGUES, 2005), podemos fazer a distinção teórica entre língua e discurso. A partir de seus estudos, o discurso é visto como a língua em sua integridade concreta e viva, e não como objeto da linguística. Assim, a língua vista como discurso não pode ser dissociada de seus falantes e de seus atos, das esferas sociais, dos valores ideológicos.

Para Bakhtin, “a linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas o estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente, mas não fundir-se” (1997 apud RODRIGUES, 2005,p.156). Seguindo a abordagem dialógica, o filósofo considera o enunciado com a unidade de comunicação discursiva. Em sua teoria, são exemplos de enunciados os romances, as cartas, as crônicas, as notícias, as saudações, as conversas de salão etc. porque para ele, a concepção de enunciado não pode ser a de frase enunciada, mas refere-se a uma estrutura mais complexa, a qual extrapola o próprio texto.

Em seu artigo, Rodrigues nos esclarece que, fazendo uma analogia com a distinção que Bakhtin estabeleceu entre *discurso (língua discurso)* e *língua (língua sistema)*, pode-se dizer que o texto analisado na sua integridade concreta e viva faz dele um enunciado, pois são considerados os seus aspectos sociais como constitutivos. Diferentemente do texto visto como objeto da linguística, onde não há quaisquer relações dialógicas, pois elas são inviáveis entre os elementos no sistema da língua (entre os morfemas, as palavras, as orações, etc.). Portanto, para a autora, o texto estabelece dois polos: no polo 1 - plano da língua - o *texto* está numa relação paralela com a *língua*; assim como no polo 2 - plano do discurso - o *enunciado* está numa relação paralela com o *discurso*. Mas também é possível uma relação vertical entre *texto* e *enunciado* e entre *língua* e *discurso*.

Na obra *Os gêneros do discurso*, Bakhtin, ao fazer diferenciação do enunciado (unidade de comunicação discursiva) e da oração (unidade da língua vista como sistema),

menciona como características distintivas do enunciado: a alternância dos sujeitos dos discurso; a expressividade; e a conclusividade.

Rodrigues, finalizando essa análise entre enunciado e oração, enunciado e frase, a partir das suas concepções de língua e discurso, esclarece que para Bakhtin e Ducrot as noções de enunciado são distintas, pois além das diferenças de fundo teórico, o enunciado bakhtiniano não é a frase ou a oração enunciada, mas se quisermos manter uma analogia, o texto enunciado (texto + situação social de interação = enunciado) (RODRIGUES, 2005, p.162).

1.2.2 Os gêneros do discurso: tipos relativamente estáveis de enunciados

Em um de seus textos, Bakhtin opta pelo termo gêneros do discurso, definindo-os como *tipos relativamente estáveis de enunciados* ou *formas relativamente estáveis e normativas do enunciado*. Essa é a natureza verbal comum dos gêneros a que o autor se refere, ou seja, trata-se da relação dialética que estabelece entre os gêneros e os enunciados. Aqui os gêneros são vistos a partir de sua historicidade e lhes atribui a mesma natureza dos enunciados (natureza social, discursiva e dialógica) ao toma-los como seus tipos históricos (RODRIGUES, 2005, p.163).

Seguindo essa mesma linha de pensamento, de que os gêneros são classificados a partir de sua historicidade, os gêneros são correlacionados às esferas da atividade e comunicação humanas, mais especificamente às situações de interação dentro de determinada esfera social (esfera cotidiana, do trabalho, científica, escolar, religiosa, jornalística, etc.). Assim, a autora estabelece importância ao fato de que “o que constitui um gênero é a sua ligação com uma situação social de interação, e não as suas propriedades formais” (RODRIGUES, 2005, p.164). Verifica-se então que cada gênero está vinculado a uma situação social de interação, dentro de uma esfera social, contendo sua finalidade discursiva, isto é, sua própria concepção de autor e destinatário.

Maingueneau (2004) observa que os pesquisadores costumam classificar os gêneros discursivos a partir de vários critérios – linguísticos, funcionais, situacionais, mas que, no âmbito da Análise do Discurso, geralmente os gêneros são classificados a partir de critérios situacionais. Fala-se, então, de gêneros discursivos tendo por base um programa de televisão, um jornal, uma conversa, uma dissertação, caracterizando-os a partir de elementos como os papéis dos participantes, suas finalidades, o tipo de organização textual que eles implicam, o enquadramento espaço-temporal, etc.

Um aspecto crucial quando se estuda os gêneros do discurso é considerar a natureza do enunciado, a sua diversidade nas variadas esferas da atividade comunicacional. Há que se levar em conta ainda o fato de que essas esferas do uso da linguagem são uma “referência direta aos enunciados concretos que se manifestam nos discursos” (Machado, 2005, p. 156).

Os gêneros do discurso, nessa perspectiva, são constituídos nas diferentes esferas da comunicação, a partir de um locutor que possui um propósito de comunicação frente à outra pessoa. A escolha do gênero, portanto, é determinada de acordo com a especificidade da esfera na qual ocorre a comunicação – ou, nos termos de Bakhtin, a interação verbal – com a temática e com os participantes.

Sob a perspectiva de acontecimentos, Bakhtin defende que cada enunciado é único e caracteriza-se por três momentos constitutivos vinculados, que podem ser divididos em: tema e sentidos; estilo verbal; e construção composicional. Ele define também os gêneros como tipos temáticos, estilísticos e composicionais dos enunciados singulares.

Vemos assim que, segundo Bakhtin, os enunciados podem se constituir sob diferentes perspectivas e contextos:

“Por tudo isso, a língua (língua discurso) nunca é única, mas diversificada; não é neutra, mas uma ‘opinião plurilíngue concreta sobre o mundo’; a língua é pluridiscursiva, ideologicamente saturada; as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma época, um grupo social etc. e um ‘contexto’ ou ‘contextos’ onde vivem” (1933 apud RODRIGUES, 2005, p.168).

1.2.3 Gêneros do discurso e gêneros textuais

A partir de estudos da herança bakhtiniana, no campo da linguística aplicada, Roxane Rojo dividiu seu trabalho em duas vertentes: *teoria dos gêneros do discurso* e *teoria dos gêneros textuais*. A primeira classificação tende a selecionar os aspectos da materialidade linguística determinados pelos parâmetros da situação de enunciação, destacando as “marcas linguísticas” que produzem significações e temas relevantes no discurso. A segunda teoria se remete a um plano descritivo intermediário, equivalente à estrutura composicional, que trabalha com noções herdadas da linguística textual e que integram a composição dos textos do gênero.

Primeiramente deve-se fazer a distinção para não confundir os termos *texto* e *discurso*. Segundo Bakhtin “texto é uma entidade concreta, realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. Discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. Assim, o discurso se realiza nos textos”. (ROJO, 2005, p.189). É semelhante à ideia defendida por Adam (1990 apud ROJO, 2005, p.188) de que “discurso é texto mais contexto”.

Segundo Rojo, existem vários pontos em comum em todas as reflexões e discussões sobre as vertentes da *teoria dos gêneros textuais*. Dentre eles a autora salienta que todas as discussões se aproximam de uma definição wittgensteiniana de *gênero como família de textos*, sendo que famílias podem ser reconhecidas por *similaridades*; essas discussões buscam compatibilizar análises textuais com as descrições de gêneros, seja por meio de sequências e operações textuais, seja por meio de discurso. Deste modo, em todos esses casos há sempre uma finalidade descritiva textual, isto é, descrição de textos, gêneros, contextos.

A visão de gênero tida por Marchuschi (2002, 2007, 2008) aproxima-se muito da perspectiva bakhtiniana. Para ele, os gêneros textuais são fenômenos históricos, vinculados à vida sociocultural, ou seja, não são entidades naturais, mas construções coletivas determinadas por circunstâncias históricas. Por isso, “surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas nas quais se desenvolvem” (MARCHUSCHI, 2002, p.20). Seu caráter sócio discursivo decorre da imprescindível necessidade que temos deles para nos

comunicar em sociedade. Isto porque “[...] a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual” (MARCHUSCHI, 2008, p.11), como já havia observado Bakhtin (1997).

Por outro lado, a noção de *gênero do discurso*, em uma visão bakhtiniana, é uma espécie de objeto discursivo ou enunciativo, e não uma *forma* ou *tipo* (ROJO, 2005, p.196). Além do mais, segundo Bakhtin (1953/1979), os gêneros do discurso apresentam três dimensões essenciais e indissociáveis: os temas; os elementos das estruturas comunicativas compartilhadas pelo texto ao gênero; as configurações específicas das unidades da linguagem, traços da posição enunciativa do locutor e da forma composicional do gênero (ROJO, 2005, p.196).

Sigamos então para a aplicação dos gêneros do texto e do discurso na prática. Segundo Rojo, o linguista aplicado, sobretudo aquele voltado para o ensino e a educação, deverá ter uma concepção da compreensão bakhtiniana da linguagem. Como defende Bakhtin (1929, p.95): “um método eficaz e correto de ensino prático exige que a forma seja assimilada não no sistema abstrato da língua, i. é, como uma forma sempre idêntica a si mesma, mas na estrutura concreta da enunciação, como um signo flexível e variável” (ROJO, 2005, p. 207).

A autora nos esclarece que as experiências que temos, tanto na formação de professores como na análise das interações em sala de aula, orientam-nos na direção de um enfoque bakhtiniano. Isso se deve em razão de os nossos professores de língua, seja devido à formação profissional ou pela falta dela, serem muito atraídos pela descrição de língua e pelo ensino de gramática, direcionando nossos alunos para um ensino mais teórico e metalinguístico. Como no Brasil os problemas de iletrismo são bem acentuados, a necessidade dos alunos, em primeiro lugar, é de terem acesso letrado aos textos e poderem fazer uma leitura crítica e cidadã desses textos.

Desta forma, Rojo salienta-nos ser mais útil e necessário se mudássemos o enfoque desse ensino para explorar características das situações de enunciação. Essa nova concepção traria mais resultado do que a prática de análises completas e exaustivas dos textos, introduzindo uma nova metalinguagem.

1.3. Gêneros Oraís – Entrevista

A partir da perspectiva Backhtiniana, à qual se referem numerosos autores contemporâneos como Rojo, Rocha, entre outros, quando se fala em gêneros podemos constatar que cada um deles são definidos por determinada esfera de troca social. Esta serve de base para a construção desses tipos relativamente estáveis de enunciado, sendo caracterizados pelo conteúdo temático, estilo e construção composicional. Outro ponto importante é que a escolha de um gênero se determina pela esfera, pelas necessidades da temática, pelo conjunto dos participantes e pela vontade enunciativa do locutor (SCHNEUWLY E DOLZ, 2013, p.23).

Para caracterizar um gênero como oral precisamos ter em mente, como nos afirma Schneuwly, que realizamos um percurso complexo da voz à comunicação oral (SCHNEUWLY E DOLZ, 2013, p.135). O autor caracteriza o oral como “produção corporal através da voz: a voz do corpo é, a um só tempo, a nossa própria, que produzimos e percebemos, e a dos outros”. Esse processo envolve vibrações que se tornam sons os quais se tornam palavras. Assim, essa passagem da voz à palavra é dada pela elaboração do som e sua codificação, chegando ao material de que é feita a comunicação.

Uma característica da produção oral, de acordo com os estudos de Schneuwly, é que a fala espontânea parece, na leitura de transcrições, completamente desordenada. Entretanto, essas manifestações de desordem se fundamentam na ótica de um funcionamento adequado da interação oral. Outro ponto relevante para o autor é que a oralidade é objeto de avaliações e de normas sociais que estão sempre referenciadas na escrita, o que obscurece bom número de características da comunicação oral. É ressaltado ainda que a comunicação oral se desenvolve não somente no plano verbal e vocal, como também no campo gestual.

Ainda sob o enfoque de que a comunicação oral envolve um percurso complexo, Schneuwly defende que esse gênero, aplicado como objeto de ensino, apresenta suas peculiaridades no momento das atividades de compreensão (2013, p.135):

Todos os elementos que lembramos aqui são essenciais para um trabalho sobre o oral e para a tomada de consciência e de controle dos recursos extralinguísticos (prosódia, silêncios, postura, gestos, mímica facial, distância e posição de locutores) e constituem uma perspectiva central do ensino do oral. Entretanto, esses elementos,

embora importantes para pensarmos e organizarmos um ensino dos gêneros orais, parecem-nos insuficientes, visto que até agora, não levamos em conta os parâmetros das situações das interações verbais. Ora, as situações, como ambiente determinante da interação, restringem completamente as operações de produção verbal, assim como sua interpretação.

Constata-se na prática do ensino do gênero oral, como nos alerta o autor, que embora a comunicação oral possua suas características padrões, esse gênero carece de mais elementos para que se tenha um estudo mais amplo e detalhado sobre o assunto, como a análise das situações das interações verbais, o ambiente, o meio de comunicação, o público alvo, etc.

1.3.1. A entrevista (televisiva): um gênero a conhecer e dar a conhecer aos outros

De acordo com os ensinamentos de Schneuwly, a entrevista é um gênero jornalístico de longa tradição, que diz respeito a um encontro entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou uma pessoa que tem um interesse particular num domínio (entrevistado). Dessa forma, uma entrevista consiste em fazer falar essa pessoa *expert* a respeito de diversos aspectos de um problema ou de uma questão, com o intuito de comunicar as informações fornecidas a terceiros, que representam, teoricamente pelo menos, a demanda de informações. Larochebouvry e Kerbrat-Orecchioni nos esclarecem que “contrariamente a uma conversa comum, a entrevista apresenta como característica uma estrutura e um caráter formal, cuja finalidade é atender às expectativas do destinatário” (1984,1990 apud SCHNEUWLY E DOLZ, 2013, p.73).

Ressalta-se que muitos estudiosos consideram a entrevista uma prática de linguagem altamente padronizada, pois envolve expectativas por parte dos interlocutores, que assistem a um “jogo de papéis” guiado pelo entrevistador. Este inicia e encerra a entrevista, conduz a ordem dos pontos a serem questionados ao entrevistado, incita a transmissão de informações, introduz novos assuntos e orienta a interação. O entrevistado, uma vez que aceita a situação, é obrigado a responder e fornecer as informações pedidas. Schneuwly nos direciona no sentido de que na maior parte das vezes “os dois interlocutores ocupam papéis públicos institucionalizados; a natureza da relação social e interpessoal condiciona fortemente a relação que se instaura entre os dois” (2013, p. 73).

Seguindo os preceitos de Marcuschi (2003), pode-se dizer que esse gênero possui itens gerais comuns a vários subgêneros, a saber: 1) sua estrutura será sempre caracterizada por perguntas e respostas, envolvendo pelo menos dois indivíduos – o entrevistador e o entrevistado; 2) o papel desempenhado pelo entrevistador caracteriza-se por abrir e fechar a entrevista, fazer perguntas, suscitar a palavra ao outro, incitar a transmissão de informações, introduzir novos assuntos, orientar e reorientar a interação; 3) o entrevistado responde e fornece as informações pedidas; 4) gênero primordialmente oral, podendo ser transcrito para ser publicado em revistas, jornais, *sites* da Internet (HOFFNAGEL, 2002, p.181).

É importante lembrarmos que o papel da entrevista está ligado ao universo da mídia, visto que seu lugar social de produção é a imprensa escrita, o rádio ou a televisão. Na entrevista, o papel dos participantes e o resultado das trocas de informações entre eles implicam sempre a presença de um terceiro coadjuvante: o público. Este talvez seja a razão da realização desse gênero, pois a proposta de uma entrevista é a transmissão e construção de saberes.

A entrevista é um gênero já muito praticado no âmbito escolar. Assim, estudos foram realizados após entrevistas feitas por alunos e a partir daí uma síntese de dimensões ensináveis desse gênero foi elaborada. Schneuwly e Dolz evidenciam que esse gênero, sendo um instrumento para adquirir e construir conhecimentos, pode constituir-se num modelo simplificado, propício a facilitar a aprendizagem do papel do mediador, da cogestão e da regulação da conversa formal (2013, p. 74). A partir dessas análises, três dimensões importantes foram abordadas:

1. O estudo do *papel do entrevistador*: visto como mediador numa situação de comunicação entre um entrevistado, especialista num domínio particular, constitui um meio para desenvolver o comportamento interativo verbal dos alunos. Assim, o ensino organizado da entrevista torna-se mais construtiva num plano didático, de forma que os alunos começam a tomar consciência do papel e das funções do entrevistador, do entrevistado e do público.
2. O estudo da *organização interna da entrevista*: as três partes que compõem a estrutura canônica de uma entrevista (abertura, fase de questionamento e

fechamento) e a planificação da fase de questionamento permitem uma aprendizagem de algumas características gerais do gênero entrevista.

3. O trabalho sobre a *regulação local*, no decurso da entrevista, dos turnos, a formulação de questões e as intervenções feitas pelo entrevistador permitem dar corpo, continuidade e retomada ao tema abordado pelo entrevistado, com novas questões ou comentários.

Portanto, os autores defendem na citação seguinte, especificamente sobre a entrevista radiofônica, podendo, no entanto, ser aplicada sobre a entrevista televisiva com os seguintes argumentos (2013, p.74):

A entrevista radiofônica, que apresenta uma relativa simplicidade do ponto de vista contextual e da demarcação dos papéis, facilita o acesso a outros gêneros e constitui, do nosso ponto de vista, um lugar que permite o distanciamento do aluno. Movimentando-se no contexto de uma emissão radiofônica, enfatizando o jogo fictício de entrevista, o aluno aprende a tratar e a interiorizar um papel social para si próprio e o papel dos outros parceiros.

É importante lembrarmos que a escolha desse gênero discursivo considera a utilização das mais variadas competências linguísticas, dentre elas a intercomunicação oral, reprodução de discurso de terceiros, transcrição de falas e ainda habilidade de argumentação.

Dessa forma, a entrevista é uma modalidade muito especial de interação verbal, pois, segundo Marcuschi (2003), tem características que a afastam de um uso oral prototípico da língua, como no caso da conversação espontânea, envolvendo certo nível de pré-planejamento. Seu objetivo é sempre o inter-relacionamento humano, mas os direitos dos participantes não são os mesmos, o entrevistador faz as perguntas e oferece, em seguida, o turno ao entrevistado. Na verdade a relação de poder entre eles deixa-os em condições de participação no diálogo. (FÁVERO, 2000, p.79-80).

Sabe-se então que o gênero discursivo *entrevista* caracteriza-se por ser eminentemente oral. Nesse sentido, Hoffnagel (2002) observa que a grande maioria das entrevistas – entrevista de emprego, entrevista com médico, entrevistas em programas de rádio ou televisão – consiste em interações orais. A autora menciona ainda o fato de até as entrevistas publicadas em jornais ou revistas serem feitas, de maneira geral, oralmente, para depois serem transcritas e publicadas.

Seguindo os preceitos de Marcuschi, pode-se dizer que esse gênero possui itens gerais comuns a todos os subgêneros, a saber: 1) sua estrutura será sempre caracterizada por perguntas e respostas, envolvendo pelo menos dois indivíduos – o entrevistador e o entrevistado; 2) o papel desempenhado pelo entrevistador caracteriza-se por abrir e fechar a entrevista, fazer perguntas, suscitar a palavra ao outro, incitar a transmissão de informações, introduzir novos assuntos, orientar e reorientar a interação; 3) já o entrevistado responde e fornece as informações pedidas; 4) gênero primordialmente oral, podendo ser transcrito para ser publicado em revistas, jornais, *sites* da Internet (HOFFNAGEL, 2002, p.181).

Entretanto, vale ressaltar que os itens que diferenciam um subgênero de outro estão relacionados com o objetivo, a natureza, o público-alvo, a apresentação, o fechamento, a abertura, o tom de formalidade, entre outros.

A entrevista, que apresenta uma relativa simplicidade do ponto de vista contextual e da demarcação dos papéis, facilita o acesso a outros gêneros e constitui-se de acordo com Schneuwly e Dolz (1999), *um lugar que permite o distanciamento do aluno*, ou seja, “*o aluno aprende a tratar e a interiorizar um papel social para si próprio e o papel dos outros parceiros*” (SCHNEUWLY E DOLZ, 1999, p.14).

Quando o assunto é o ensino dos gêneros orais, é muito frequente a referência aos gêneros jornalísticos. Ao sugerir o trabalho escolar com o gênero oral “entrevista radiofônica”, por exemplo, Schneuwly e Dolz afirmam que este gênero pode “facilitar a aprendizagem do papel de mediador, da cogestão e da regulação da conversa formal” (SCHNEUWLY E DOLZ, 2013, p. 86). Eles defendem que “o contato com o papel do mediador constitui um meio para desenvolver o comportamento interativo verbal dos alunos”. Acreditam ainda que o trabalho com esse gênero “facilita o acesso a outros gêneros” (SCHNEUWLY E DOLZ, 2013, p. 87).

A entrevista jornalística é frequentemente entendida pelo senso comum como uma situação desconfortável e inquiridora para quem é entrevistado. Mas, quando observada com cuidado, é possível identificar outros aspectos e até a inversão dos papéis:

Seu objetivo é sempre o inter-relacionamento humano, mas os direitos dos participantes não são os mesmos, pois o entrevistador faz as perguntas e oferece, em seguida, o turno ao entrevistado. Na verdade, as relações de poder entre eles deixam-se em diferentes condições de participação no diálogo, havendo um direcionamento

maior ou menor da interação: o entrevistador pode simplesmente cumprir o papel de obter respostas ou dirigir de tal maneira que o entrevistado é conduzido às respostas preestabelecidas por aquele [...]. Outras vezes há inversão de papéis, pois o entrevistado dirige a entrevista, aprovando ou não a ação do entrevistador (Fávero, 2000, p. 80).

Mudando-se os direitos dos participantes ou não, a ordem da sequência das perguntas ou a inversão dos papéis entrevistador/entrevistado, a finalidade da entrevista é sempre a mesma: a transmissão de conhecimentos. Seja de uma forma ou de outra, o entrevistador deve cumprir seu objetivo inicialmente previsto no planejamento inicial, de forma que ele conduza a entrevista de uma forma natural e ela seja claramente transmitida aos destinatários.

1.3.2. Características gerais do gênero

Classificada como gênero oral, mas também sendo um gênero discursivo, a entrevista pode ser inserida dentro do campo didático da exposição oral. De acordo com Schneuwly e Dolz, “a exposição é um discurso que se realiza numa situação de comunicação específica que poderíamos chamar *bipolar*, reunindo o orador ou expositor e seu auditório” (SCHNEUWLY E DOLZ, 2013, p.185). Nesse sentido, os autores citam Bronckart *et al.* (1985) pois, segundo este, “a exposição pode ser qualificada como um espaço-tempo de produção onde o enunciador dirige-se ao destinatário por meio de uma ação de linguagem que veicula um conteúdo referencial”. Nesse sentido, Schneuwly e Dolz (2013, p.185) afirmam o seguinte:

Mas, se esses dois atores encontram-se reunidos nessa troca comunicativa particular que é a exposição, a assimetria de seus respectivos conhecimentos sobre o tema da exposição os separa: um, por definição, representa um “especialista”; o outro é mais difícil de caracterizar, mas pelo menos apresenta alguém disposto a aprender alguma coisa. Logo, o enunciador, por meio de seu discurso, tende a reduzir a assimetria inicial de conhecimentos. Ao longo de sua ação de linguagem, este leva em conta o destinatário, o que imagina que já saiba suas expectativas e seu interesse.

Verifica-se, então, na nossa abordagem do gênero entrevista, que o entrevistado, no decorrer do processo ou mesmo antes, perceberá o tipo de público e se este está num nível de conhecimento próximo do seu. Assim, ele poderá amenizar essa diferença a partir da linguagem utilizada, de forma que o público continue interessado em aprender algo.

Os autores caracterizam, ainda, a exposição oral como um gênero textual público, relativamente formal e específico, no qual um expositor especialista dirige-se a um auditório, de forma estruturada, para lhe transmitir, descrever ou explicar algo.

1.4. As dimensões ensináveis

1.4.1. A situação de comunicação

Segundo os estudos de Schneuwly e Dolz (2013, p.186), “a exposição oral em sala de aula reúne o aluno que produz uma exposição e um público – alunos aos quais ele se dirige –, reunido para ouvi-lo, aprender algo sobre um tema, adquirir ou enriquecer seu conhecimento”. Enunciam assim que a sinalização dos elementos que caracterizam essa situação de comunicação será perceptível pela presença de diferentes marcas dêiticas, como os pronomes pessoais *eu/nós* e *vocês* presentes no discurso do aluno.

A exposição constitui, como defendem os autores, uma estrutura bastante convencionalizada de aprendizagem – tanto para o expositor como para o auditório –, pois este é um momento em que o aluno se coloca no papel do professor, ao ensinar ou tentar transmitir algum conhecimento aos colegas, fazendo valer o dito “é ensinado que se aprende”. Essa experiência da exposição proporciona também um lugar de conscientização do seu próprio comportamento, o que leva o expositor a questionar-se sobre a organização e como está acontecendo a transmissão do conhecimento. Para o alcance desse objetivo é ressaltada a importância de que os alunos tenham a noção do que venha a ser um “especialista”, visto que eles não representam claramente para si as diferenças de conhecimentos que os separam de um auditório (SCHNEUWLY E DOLZ, 2013, p.186).

De acordo com os ensinamentos de Schneuwly e Dolz,

o papel do expositor-especialista é o de transmitir um conteúdo, ou, dito de outra forma, de informar, de esclarecer, de modificar os conhecimentos dos ouvintes nas melhores condições possíveis, procurando diminuir, assim, a assimetria inicial de conhecimentos que distingue os dois atores desse contexto de comunicação” (2013, p.186).

Para tanto, é preciso que o expositor construa uma problemática tendo em vista a noção que os ouvintes têm sobre o tema a ser abordado, bem como quanto às expectativas sobre o assunto em questão.

Dessa forma, é mencionado que o expositor, durante seu trabalho, deve ainda saber se o público está acompanhando suas ideias, avaliar se as pessoas estão tendo dificuldade na compreensão daquilo que se expõe – ao saber identificar por meio de sinais enviados pelo auditório – e, se for necessário, mudar os termos, reformular, tornar o discurso mais claro. Ressalta-se também, segundo os autores, que o aluno-orador deve usar técnicas para atrair os ouvintes, como a utilização de perguntas no decorrer da exposição.

Assim, essa intervenção por meio das perguntas proporcionará a ele um retorno ao saber se sua finalidade está sendo atingida, se todos estão entendendo. O orador não deve esquecer também de verificar as condições que asseguram uma boa transmissão de seu discurso: elocução clara em relação aos aspectos metadiscursivos, legibilidade e pertinência dos documentos auxiliares utilizados (SCHNEUWLY E DOLZ, 2013, p.186).

1.4.2. A organização interna da exposição

Apesar de a exposição ser um gênero interacional, sua preparação é em princípio feita somente pelo expositor. Esse processo nos permite trabalhar as possibilidades de planejamento de um texto longo.

Em princípio, no tocante ao nosso estudo, devemos ter a noção de como se planeja uma exposição. Segundo os ensinamentos de Schneuwly e Dolz, o planejamento de uma exposição exige, primeiramente, que se faça uma triagem das informações disponíveis, uma reorganização dos elementos inicialmente utilizáveis e, finalmente, uma hierarquização das ideias principais e secundárias. A partir desse arremate de informações o idealizador da exposição começa a organizar um plano coerente com a conclusão almejada. Schneuwly e Dolz (2013, p.187) defendem, dessa forma, que

essas primeiras operações, que precedem o planejamento textual propriamente dito, devem ser objeto de um trabalho em sala de aula, para que as exposições dos alunos não se reduzam a uma sequência de fragmentos temáticos sem ligação entre si. Operações tais como a pesquisa de elementos pertinentes num texto-fonte, sua

hierarquização e sua organização podem ser objeto de atividades individuais ou em grupo, com correção coletiva para toda a classe.

Seguindo com o planejamento inicial, a exposição deve ser dividida em partes e subpartes, para que se possam distinguir as fases de sua construção interna. Assim, os autores (2013, p.187) defendem que, numa perspectiva de ensino, as seguintes fases podem ser abordadas distintamente:

1. *Uma fase de abertura.* Esse é o primeiro contato que o expositor tem com o auditório, cumprimenta-o, legitima sua fala. É o momento em que o expositor se coloca como tal, em que ele assume o papel de um especialista que dirige um auditório.
2. *Uma fase de introdução do tema.* É o momento em que se entra no discurso. É a fase de apresentação e delimitação do assunto, em que o orador tem a oportunidade de legitimar as razões de suas escolhas, o que o motivou a realizar o trabalho, etc. Esse primeiro contato deve atrair os ouvintes.
3. *A apresentação do plano da exposição.* Essa fase tem como base tornar transparentes e explícitas tanto para o auditório quanto para o expositor as operações de planejamento da sua exposição. Esse é o momento em que o orador esclarece o texto planejado e ao mesmo tempo o planejamento.
4. *O desenvolvimento e o encadeamento dos diferentes temas.*
5. *Uma fase de recapitulação e síntese.* É o momento que permite ao orador retomar as principais ideias da exposição e fazer uma etapa de transição entre a exposição em si e sua fase de conclusão.
6. *A conclusão.* Esta transmite uma “mensagem” final, mas permite aos ouvintes o desencadeamento de um problema novo ou o início de um debate.
7. *O encerramento.* Essa etapa é simétrica à abertura, comportando agradecimentos ao auditório. Caracteriza-se por sua configuração interacional, podendo intervir a pessoa mediadora, o público, etc.

É importante esclarecer que uma exposição que alterne entre discurso e apresentação de documentos diversificados é igualmente estruturada. Percebemos, então, que as fases acima mencionadas não é uma regra para uma exposição, mas de acordo com Schneuwly e Dolz (2013, p.188) seria o mais indicado numa perspectiva didática, seguindo um “passo a

passo” para que o aluno/expositor possa seguir um plano que auxiliará o público e, ao mesmo tempo, ele próprio.

Ao final deste capítulo pudemos ver uma breve explicação de que a exposição oral é uma estrutura bastante convencionalizada de aprendizagem, englobando aspectos que determinam uma situação de comunicação. Vimos ainda como se constitui a estrutura de uma exposição numa perspectiva de ensino.

A seguir iniciaremos o capítulo em que será abordada a metodologia deste estudo, no qual o gênero entrevista será visto como uma experiência abordada não mais na teoria, mas realizada num contexto didático.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

2.1. Estudo de caso

Em face de a minha pesquisa ser um estudo sobre gêneros orais no campo da LA, com foco no gênero *entrevista*, meu estudo de caso, como parte integrante da análise metodológica, será contextualizado no ensino acadêmico. O presente estudo será a análise de como esse gênero discursivo – textual e ao mesmo tempo oral – se desenvolve, na prática e não mais na teoria, como metodologia de ensino em uma sala de aula de uma universidade federal.

Este estudo de caso foi realizado na Universidade de Brasília – UnB, com alunos de graduação do primeiro semestre do curso de letras Francês. A disciplina, obrigatória para os alunos do curso, denomina-se *Prática do francês oral e escrito 1*, ministrada pela professora doutora Maria da Glória Magalhães dos Reis, minha orientadora desta pesquisa.

O planejamento inicial deste estudo de caso foi organizado da seguinte forma:

- 1) a professora aborda o gênero entrevista em sala de aula com a transmissão de um extrato de uma entrevista televisiva em língua francesa;
- 2) eu presencio, observo e anoto as informações de como se realizou a aula e como os alunos se comportaram no decorrer dela;
- 3) a professora pede um *diário reflexivo*³ sobre a aula aos alunos, especificamente sobre a entrevista, para ser entregue no próximo encontro;
- 4) eu coletei os relatórios dos alunos como instrumento de pesquisa.

A partir desse plano foi traçado o estudo de caso desta pesquisa, com o propósito de retratar uma unidade em ação, que é a entrevista vista na prática em um contexto acadêmico.

³*Diário reflexivo* é uma prática da professora que se baseia na pesquisa-ação. Ver Barbier (2007).

Pretendo que esse plano seja delineado mais claramente à medida que o estudo for se desenvolvendo, permitindo ao leitor despertar um interesse sobre o assunto, visto até então teoricamente, enfatizando a “interpretação em contexto”.

O gênero entrevista analisado na aula da professora Glória já estava em seu programa da disciplina, visto que ela aborda vários gêneros durante o semestre. Como orientadora deste TCC, programamos para que eu participasse especificamente desta aula, o que contribuiria em muito na minha pesquisa.

É chegado o dia em que fui realizar o estudo do meu caso.

A aula começa. Os alunos estão sentados um ao lado do outro em semicírculo, de frente para a professora. Como de costume, pois também fui aluna da Glória, os alunos leem seus diários, uma espécie de relatório em que o aluno escreve, em francês, seu ponto de vista sobre a aula anterior e lê no início da aula seguinte. No decorrer da leitura dos diários, os alunos tiram dúvidas sobre fonologia, pronúncia e vocabulário. A professora elogia a turma, ao dizer que eles estão muito engajados na disciplina.

Após todos lerem o diário de auto avaliação, a professora começa o assunto do dia: “*Como o gênero entrevista, que se situa entre o oral e o escrito, pode contribuir à aprendizagem das línguas?*”. Glória apresenta o tema e faz algumas observações aos alunos quanto à denominação do gênero em língua francesa.

Em seguida Glória pergunta aos alunos quais são as características que definem uma entrevista. Assim, a partir das respostas dos alunos, ela começa a listar no quadro alguns pontos característicos:

- feita por frases interrogativas;
- apresenta características da escrita e do oral;
- há interação entre o entrevistador e o entrevistado;
- há um roteiro;
- diálogo formal;
- questões objetivas.

A professora pergunta aos alunos qual a diferença entre a entrevista radiofônica e a televisiva, explicando que esta se utiliza do recurso da imagem e a outra não. Prosseguindo, Glória pergunta qual o objetivo de uma entrevista. Ela explica que a entrevista tem a finalidade de difundir um acontecimento, é a previsão de algo que vai acontecer, como por exemplo, a entrevista de um diretor de um filme aguardado antes da estreia nos cinemas. Ela ensina também que a entrevista tem como objetivo o conhecimento sobre algo, a obtenção de informações.

Em seguida, após algumas perguntas dos alunos em relação à formalidade de uma entrevista, Glória prossegue com a exibição de um extrato de uma entrevista televisiva do programa “Double je” do canal francês TV5 Monde. O convidado do dia, entrevistado pelo jornalista Bernard Pivot, é Gaston-Paul Effa, um professor de filosofia, de origem africana. A entrevista está disponível no seguinte link: http://www.tv5.org/TV5Site/enseigner-apprendre-francais/jeu-le_reve_africain.htm?id_dossier=88&jeu=741#ancre. Abaixo segue a transcrição da mesma.

Gaston-Paul Effa: *O senhor sabe que na África a gente têm dois sonhos. O primeiro é tornar-se branco, digamos. Tornarmos branco significa viver à moda europeia. E o símbolo desse sucesso é a neve e o dinheiro. O segundo, dizemos que vamos ser alguém. E para ser alguém nós vamos à escola. A escola nos ensina a colocar um pé diante do outro.*

Bernard Pivot: *Então, sobre o jovem Effa que o senhor chama nos seus dois primeiros romances “Douo”, e mesmo “DouoPapus”. Para ele, o que representa a língua francesa? Pelo fato de que antes dos cinco anos de idade você não falava francês, você falava o quê?*

Gaston-Paul Effa: *Antes dos cinco anos de idade a gente fala 230 dialetos do Camarões.*

Bernard Pivot: *230 dialetos?*

Gaston-Paul Effa: *230 línguas.*

Bernard Pivot: *Mas como se reconhece isso?*

Gaston-Paul Effa: *É muito difícil, é por isso que o Francês é a língua que faz a unidade do país, a língua nacional.*

Bernard Pivot: *É também uma coisa surpreendente. O que o senhor cantava eu penso nisso em quase todas as manhãs, “La Marseillaise”⁴. Então, isso... Isso parece inacreditável.*

Gaston-Paul Effa: *Sim, nós sempre cantamos. A África é a terra da música e da canção. Eu sempre aprendi com músicas. Euh... a conjugação: « je suis, tu es, il est, nous sommes, vous êtes, ils sont ». Ou os adjetivos possessivos: « mon, ton, son, notre, votre, leur, ma, ta, sa, notre, votre, leur, mês, tes, ses, nos, vos, leurs ». E todo o resto. E mesmo em história, eu me lembro enquanto eu estava no primeiro ano do segundo grau, no curso de história, era um curso de antropologia, nós nos dizíamos eis o homem de “Cro-Magnon”, e é muito difícil para algumas pessoas pronunciar: « l’homme du Cro-Magnon », « l’homme du Magnon », e então a gente diz « l’homme du Cro, l’homme du Ma, l’homme Gnon, l’homme du Cro-Magnon »... E isso aprendia, isso fixava.*

Bernard Pivot: *Suas obras estão nos manuais escolares camaronenses. O senhor deve estar muito orgulhoso porque é um reconhecimento oficial do vosso talento e, hoje em dia, de importância literária que o senhor tem aos olhos dos camaronenses.*

Gaston-Paul Effa: *Cinquenta por cento orgulhoso, porque eu penso ainda naqueles camaronenses que não podem comprar um só livro. O senhor sabe que um manual que custa, hoje em dia nós falamos em euros, mas eu ainda posso falar em franco, 100 francos faz 10000 francos CFA⁵, ou seja, o salário mínimo de um camaronense. E eu sofro quando eu vou à África e quando eu me dou conta que ninguém pode comprar livros e os africanos tem um amor louco pelos livros.*

Após passar o vídeo pela primeira vez, a professora pergunta aos alunos o que eles entenderam, o assunto, de que país é o entrevistado. Eles respondem o que conseguiram compreender num primeiro momento. Ela pergunta sobre qual dos dois eles entenderam melhor, o entrevistador ou o entrevistado, e eles respondem que é o entrevistado, por ele falar mais calmamente, diferentemente de Bernard Pivot que tem um sotaque mais carregado.

A professora passa o vídeo novamente e vai explicando por partes a entrevista. Primeiramente Gaston-Paul Effa fala que na África tem-se dois sonhos: tornar-se branco e ser alguém na vida, porque isso significa viver como os europeus. Ele explica que *os símbolos do*

⁴ Hino Nacional Francês.

⁵ Moeda camaronense.

homem branco é a neve e o dinheiro; e que para ser alguém na vida nós vamos à escola, assim nós teremos sucesso, conseguiremos “chegar lá”. Ele diz ainda que *a escola nos ensina a colocar um pé diante do outro*, o que a professora enfatiza aos alunos por achar a frase bonita.

Assim, Glória continua a ajudar os alunos na compreensão da entrevista e diz que o entrevistado planeja: ele começa falando da África, dos romances de sua autoria, de um personagem; em seguida ele fala da quantidade de línguas que são faladas no país dele, por volta de 230 línguas. Gaston diz que *o francês é a língua que faz a unidade do país: é uma língua nacional*. Ele fala do hino nacional francês “La marseillaise”. O professor relata que aprendeu muita coisa da língua francesa por meio da música e canta uma sobre a conjugação do verbo “être” e outra sobre os adjetivos possessivos, mostrando que ele ainda se recorda dessa técnica.

A professora enfatiza que o entrevistador é quem conduz a entrevista, é ele quem guia a ordem das perguntas, os temas, etc.

No decorrer da entrevista o entrevistador comenta que as obras de Gaston Effa estão nos manuais escolares. Logo ele pergunta ao entrevistado se o mesmo está orgulhoso disso. Gaston responde que ele está cinquenta por cento feliz, por que lá em Camarões a população não têm condições de comprar livros.

Ao final da entrevista, após explicá-la passo a passo, a professora passa a entrevista mais uma vez. Ela pede aos alunos que escrevam o maior número de frases que eles entenderem. Os alunos assistem e escrevem. Ao final do exercício, Glória pergunta as frases e eles respondem aquelas que entenderam.

Em seguida, ao encerrar o assunto, Glória pede como lição de casa para eles lerem a transcrição da entrevista, treinarem a pronúncia e fazerem o diário de bordo da aula, o qual contribuirá para minha pesquisa. Ela pede ainda para eles começarem a elaborar uma entrevista fictícia, com a pessoa que eles imaginarem. Dessa forma, a professora Glória encerra sua aula. Ao final, percebi uma boa didática, pois ela conseguiu durante toda a aula atrair a atenção dos alunos e abordou o tema de uma forma interessante e dinâmica.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE DADOS

Esta seção tem como fim apresentar os resultados provenientes da análise qualitativa do material obtido no estudo de caso, por meio do estudo dos diários reflexivos sobre o gênero entrevista feitos pelos alunos da professora Glória. Assim farei a relação entre e a aplicação do gênero em sala de aula – no contexto de ensino de língua estrangeira – e a parte teórica, fundamentada no início desta pesquisa.

O objetivo inicial desta análise é a verificação de como os estudantes de língua francesa reagiram à aplicação do gênero entrevista como tópico abordado em sala, propiciando à nossa pesquisa um resultado concreto sobre a aplicação do gênero no ensino de uma língua estrangeira.

3.1. Aspectos levantados pelos alunos

Após a leitura dos diários reflexivos, elaborados pelos alunos sobre a aula em que o gênero entrevista foi abordado em sala de aula pela professora Glória, observamos alguns pontos em comum nas opiniões dos estudantes.

Foram analisados onze diários reflexivos. A tabela abaixo mostra os aspectos em que o gênero entrevista auxilia na aprendizagem de uma língua estrangeira e a quantidade de vezes que eles foram mencionados:

Aspectos	Quantidade
Melhorar a pronúncia	8
Enriquecimento do vocabulário	6
Aborda diferentes assuntos	3
Exemplos reais	2
Praticar conjugações verbais	2
Pontos de vista diferentes	2

Contato dinâmico com a língua	2
Ligação entre o oral e o escrito	2
Aborda diferentes sotaques	2

Vimos que a inserção do gênero entrevista na prática do ensino de língua estrangeira proporcionou um resultado positivo do ponto de vista dos alunos. A partir da análise dos diários reflexivos constatei que os estudantes acharam interessante aprender a língua francesa ao assistir a entrevista do Sr. Gaston-Paul Effa.

Como visto na tabela acima, diversos aspectos foram apontados em relação à questão “*Como o gênero entrevista, que se situa entre o oral e o escrito, pode contribuir à aprendizagem das línguas?*”. O que mais foi destacado pelos alunos é que uma entrevista ajuda a *melhorar a pronúncia* daqueles que estão aprendendo uma nova língua. No caso em questão, ao assistir um francófono falando sua língua materna, o aprendiz se imerge num contexto natural de aprendizagem, vendo na prática como é a pronúncia daquele falante naquele ambiente. Dessa forma, o aluno pode se espelhar tanto no entrevistador, como no entrevistado, para treinar oralmente a língua que está aprendendo.

O segundo aspecto mais mencionado pelos alunos foi o *enriquecimento do vocabulário*. Por meio da entrevista passada em sala de aula, em que o jornalista entrevista um professor de filosofia originário do Camarões, os alunos puderam conhecer palavras novas, vindas de outro contexto, de outra realidade, que fazem parte de um aprendizado enriquecedor em termos de conhecimento de outra cultura. Assim podem ampliar a gama de vocábulos partindo de uma língua viva.

O próximo aspecto, parecido com o anterior, refere-se ao fato de que o gênero entrevista proporciona ao estudante a *abordagem de diversos assuntos*. Segundo os ensinamentos de Menga Lüdke (2013, p.39) “uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais”. Isso permite à pessoa que inicia o aprendizado de uma língua estrangeira vivenciar e aprender a língua por meio de contextos diferentes do que ela está acostumada a ver nos manuais de ensino de língua estrangeira, propiciando uma visão mais ampla sobre os temas.

Outro ponto destacado é que a entrevista permite aos alunos estudar a língua por meio de *exemplos reais*. Eles veem através dos relatos do entrevistado fatos que ele vivenciou, acontecimentos que fazem ou fizeram parte de sua história, relatando suas experiências de vida, projetos e sonhos. O pequeno trecho da entrevista passada em sala de aula aos alunos da professora Glória permitiu a eles conhecer um pouco da realidade vivenciada pelo professor camaronense Gaston-Paul Effa.

Nesse sentido, a escolha do gênero entrevista no ensino de língua estrangeira, portanto, é determinada de acordo com a especificidade da esfera na qual ocorre a comunicação – ou, nos termos de Bakhtin, a interação verbal – com a temática e com os participantes. Tal escolha leva em conta o contexto da enunciação. Bakhtin é categórico ao afirmar que

ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua (1992, p. 282).

Essa última frase da citação acima nos parece interessante, pois essa inter-relação permite a troca de experiências prévias e presentes, dependendo do grupo com que se está trabalhando, de sua faixa etária, nível socioeconômico, campos de interesse. Assim, a entrevista facilita o aprendizado da língua sendo um enunciado concreto de estudo da língua estrangeira na vida do estudante. Seguindo nesse sentido, Bakhtin (1992, p. 279) ainda afirma:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas (ou situações em que são gerados os gêneros), não só por seu conteúdo e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – mas também... por sua construção composicional.

Por isso é interessante afirmar que o estudo direcionado de certos tipos de texto, tanto com base em sua leitura e escrita quanto em sua oralidade, pode servir de grande suporte para a qualificação da comunicação dos alunos na língua estudada.

Outro aspecto relatado nos diários reflexivos é o fato de a entrevista permitir a prática de *conjugações verbais*. “Geralmente numa entrevista utiliza-se a terceira pessoa para as

perguntas e a primeira pessoa para as respostas, isso pode ajudar na aprendizagem da conjugação dos verbos”, escreveu um aluno a respeito do assunto.

Um aspecto que também foi destacado nos diários dos alunos é o fato de o gênero entrevista permitir ao público *posicionamentos diferentes sobre determinados assuntos*, ou seja, cada entrevistado emite sua opinião sobre um tema. Como um estudante escreveu “Com a entrevista é possível conhecer pontos de vista diferentes e por consequência o posicionamento da pessoa perante a vida”. Na aula em que a professora passou a entrevista de Gaston, ficou evidente o posicionamento dele em relação a diversos assuntos, como a miséria em que vivem os camaronenses, a importância da escola na vida de uma pessoa e a importância da língua francesa no seu país.

Segundo os estudantes, *contato dinâmico com a língua* é outro aspecto que auxilia no aprendizado de uma língua estrangeira. Sabemos que o estudante está mais acostumado a trabalhar a língua por meio de gêneros textuais. A entrevista, por ser um gênero discursivo, apresenta-se como um diálogo, em que há uma interação entre entrevistador/ entrevistado.

Como um gênero oral, as entrevistas apresentam características básicas da conversação (MARCUSCHI, 2002): interação entre pelo menos dois falantes; ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; presença de uma sequência de ações coordenadas; execução numa identidade temporal e envolvimento numa “interação centrada”.

Dessa forma, o aluno vê na entrevista uma forma dinâmica de aprender a língua. Nesse sentido convém ressaltar o posicionamento de Bakhtin a respeito do diálogo:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.125).

Nessa abordagem teórica, vemos o gênero entrevista numa perspectiva dialógica. Logo, enfatiza-se o *diálogo* porque por meio do uso efetivo da língua, isto é, através de enunciados trançados em relação dialógica, o estudante fixa melhor o aprendizado da língua.

Os estudantes abordaram ainda que o gênero entrevista faz a *ligação entre o oral e a escrita*. Nesse contexto, vale ressaltar que num gênero discursivo a escrita se dá a partir da fala, um está ligado ao outro. Vimos isso também, por meio dos estudos desta pesquisa, no contexto escolar. A crença de que a escola tem por função ensinar apenas a escrita é antiga. A escola deve, sim, ensiná-la; porém, não deve, de forma alguma, desconsiderar a fala. O ser humano precisa também aprender a lidar, de diferentes maneiras, com situações sociais em que a interação na modalidade falada é requerida. Segundo Marcuschi, é importante frisar que

não se trata de transformar a fala num tipo de conteúdo autônomo no ensino de língua: ela tem de ser vista integradamente e na relação com a escrita. [...] O estudo da oralidade pode mostrar que a fala mantém com a escrita relações mútuas e diferenciadas, influenciando uma a outra nas diversas fases da aquisição da escrita (MARCUSCHI, 1997, p.25).

Por outro lado, a modalidade falada é utilizada em uma gama mais ampla de situações, servindo a escrita como “substituta” da fala apenas nas ocasiões em que a comunicação oral é impossível, inafiançável ou ineficiente (LYONS, 1987, p. 26). Além disso, conforme esclareceu Street (1984, apud MARCUSCHI, 1997), “a escrita não tem alguma qualidade inerente automática que a torne essencial ou lhe confira um status diferenciado. (...) Fique claro, portanto, que fala e escrita não são concorrentes, mas complementares”.

Mais um ponto destacado pelos estudantes é o fato de a entrevista ser um gênero que permite ao aluno *conhecer diferentes sotaques*. Sabemos que uma língua pode ser falada em vários países. Isso possibilita aos falantes de um mesmo idioma a presença de marcas de oralidade típicas de cada região.

Dessa forma, ao trabalhar com a oralidade em sala de aula, o professor tem a oportunidade de lidar com duas questões que, na maioria das vezes, são evitadas no ensino da língua: a variação e a mudança. Ao abordar tais fenômenos, o docente consegue mostrar que a língua é heterogênea, conceito importante para a educação linguística dos alunos (TRAVAGLIA, 2003, p 23).

Essa questão de que a oralidade permite trabalhar a variação da língua por parte dos falantes é nítida quando aplicada ao gênero entrevista, o que permite uma interação social. Assim, de acordo com Medina,

a entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (2008, p.8).

Dessa forma, ao estudar uma língua estrangeira o estudante lida com as variações da língua oral e passa a ter uma visão mais ampla da língua falada. O uso do gênero entrevista na aprendizagem permite essa percepção por parte do estudante.

À guisa de concluir este capítulo, vimos que o gênero entrevista, classificado como gênero discursivo, permite ao estudante de língua estrangeira um estudo que engloba vários quesitos importantes para aquele que aprende uma outra língua. Verificamos nesta análise de dados uma adequação dos aspectos levantados pelos alunos à parte teórica embasada inicialmente neste estudo. Ou seja, a prática em sala de aula está em conformidade com o que diz os renomados teóricos a respeito do gênero.

Assim, a partir do estudo de caso feito em sala de aula vimos de que modo o gênero entrevista pode contribuir ao aprendizado das línguas. A utilização dos diários reflexivos feitos pelos alunos foi um instrumento eficaz na contribuição desses dados, o que permitiu alcançar resultados satisfatórios tanto do ponto de vista do professor quanto do aluno, o que é essencial para termos um retorno sob o ângulo de quem aprende.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esta pesquisa com o objetivo de realizar um estudo aprofundado a respeito de como o gênero entrevista pode contribuir no ensino de línguas estrangeiras. Para tanto, este estudo foi fundamentado inicialmente sobre o que vem a ser língua - linguagem sob a perspectiva discursiva, introduzindo o assunto de uma forma mais ampla situada no campo da LA. A partir dessa abordagem passamos para a análise dos gêneros do discurso e dos gêneros orais para iniciarmos em seguida o estudo sobre o gênero entrevista, a parte de destaque do trabalho.

Nesse ponto foi traçado uma metodologia na qual a finalidade era retratar o gênero entrevista como unidade de aprendizado no contexto acadêmico, por meio da participação dos alunos em sala de aula, a partir da análise de uma entrevista de um francófono camaronense.

A partir desse momento, pois até então tínhamos visto somente o embasamento teórico, pude perceber a importância do gênero no contexto de aprendizagem de uma língua estrangeira.

O estudo de caso e a análise de dados foram primordiais para chegarmos a uma conclusão, revelando de que forma o gênero entrevista pode contribuir na aprendizagem da língua francesa dos alunos do curso de Letras.

Sendo assim, verificamos que, pelo fato de a entrevista ser um gênero discursivo, esse atributo contribui de forma mais abrangente no aprendizado de línguas, pois é um gênero que possui características tanto do oral, quanto do escrito, tipos que devem ser igualmente trabalhados no ensino de uma nova língua.

Depreende-se desta pesquisa que não há possibilidade de reproduzir um texto pertencente ao gênero entrevista sem que haja comunicação. Nos exemplos expostos no estudo de caso, a atividade proposta visa a oferecer aos estudantes da língua uma situação real de comunicação, através da qual eles tenham a oportunidade de viver o momento da prática linguística, experimentando a construção e comunicação de um texto oral, que mais tarde irá ser registrado como trabalho escrito.

Verificamos a partir do estudo de caso, que o gênero entrevista pode contribuir em numerosos aspectos quando trabalhado em sala de aula. Assim, foram abordados aspectos significativos para o desenvolvimento deste trabalho, comprovando a eficácia de que a entrevista auxilia no aprendizado de uma língua: aperfeiçoamento da pronúncia, enriquecimento do vocabulário, aborda assuntos diversificados, relata exemplos reais, entre outros.

Ao final deste trabalho, podemos perceber que a ideia de transmitir entrevistas em sala de aula é uma boa escolha para implementar a didática utilizada pelo professor. Para isso, a escolha da entrevista é de fundamental importância para que seja alcançado o objetivo inicialmente traçado pelo docente.

Vimos que a professora selecionou adequadamente a entrevista, retirada de um canal televisivo francês de notório reconhecimento, feita por um bom jornalista, o qual entrevistou um renomado professor de filosofia de origem camaronense. Deste modo, a entrevista deve ser devidamente escolhida para aquele contexto, abrangendo uma situação que caiba perfeitamente ao ensino de língua estrangeira, tendo assim boas referências. Provavelmente o resultado poderia não ser alcançado se a escolha da entrevista fosse feita de forma inadequada.

A possibilidade de ouvir uma entrevista, oportuniza uma autorreflexão sobre o uso que os envolvidos no evento comunicativo estão fazendo da sua língua materna, denunciando repetição de vocabulário, uso de gírias, pronúncia peculiar de certos termos, adequação ao evento comunicativo, etc.

Percebe-se ao final deste trabalho que o gênero entrevista, assim como diversos outros, podem ser extremamente úteis no ensino de uma língua estrangeira. Nesse sentido, o que há são concepções que, ao serem analisadas e estudadas, podem provocar reflexões a respeito do que pode ser mais eficaz em determinada situação de ensino. Essas reflexões são indubitavelmente fundamentais e necessárias para o aperfeiçoamento do ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

Enfim, o fato de utilizar os mais diversos gêneros dentro do contexto em que estão inseridos originalmente e proporcionar momentos interativos reais, possibilita um modo relevante de introduzir os alunos a todos os aspectos necessários para sua utilização na comunicação diária com eficiência.

Precisamos estar atentos ao fato de que não há forma certa ou errada no ensino ou aprendizado de língua estrangeira, mas formas adequadas de ensino que podem ser eficazes naquele contexto de aprendizagem. Assim, os professores devem estar aptos a ampliarem o horizonte aplicando e descobrindo novas formas de ensino e então perceber se aquele método está sendo produtivo ou não.

O fato é que ocorrem mudanças, novos estudos surgem, novas concepções de ensino e aprendizagem são aplicadas, mas é necessário admitir que cada metodologia estará sempre disponível para ser utilizada, deixando suas marcas quando bem escolhidas. De qualquer modo, precisamos estar sempre abertos às transformações pelas quais passam o mundo e os modos de os seres humanos se comunicarem e interagirem linguística e sócio culturalmente, seja dentro ou fora da sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J-M. **Lestextes: typesetprototypes**. Paris: Nathan, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de linguística no ensino da língua**. São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN/VOLOCHÍNOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 5. ed. Campinas: Pontes Editores. 2005.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. / tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales. – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.

DOLZ, J & SCHNEUWLY, B. **Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino**. In: *Revista Brasileira de Educação*. N.º11, p. 5-16, 1999.

FÁVERO, L.L. **A entrevista na fala e na escrita**. In: D.PRETI (org.), **Fala e escrita em questão**. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 2000. p. 79-97.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. **Entrevista: uma conversa controlada**. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel (orgs.). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 180-193.

LÜDKE, Menga& ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

LYONS, J. **Linguagem e Linguística**. Uma introdução. Trad. AVERBUG, M. W. e SOUZA, C. S. Rio de Janeiro: LCT, 1987.

MACHADO, Irene. **Gêneros discursivos**. In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin – conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-166

MAINGUENEAU, Dominique. **Diversidade dos gêneros de discurso**. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato. Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 43-58.

MARCUSCHI, L. A. **Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, v.30, p.39-79, 1997.

_____. **Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”**. In: DIONISIO, A. P.; BEZERR, M. A. (Org.). *O Livro Didático de Português*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo:Parábola, 2008.

MEDINA, C. de A. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin**. In: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758.

ROJO. **Gêneros do discurso e Gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas**. In: MEURER, J. L.; BONIONI Adair, MOTTA-Roth Désirée, (Orgs). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática: ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2003.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ARAÚJO, Leandro S. **A entrevista radiofônica em espanhol: delimitações do gênero discursivo.** 2013. Disponível em: < http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_724.pdf >. Acesso em: 25 mai. 2014.

EFFA, Gaston-Paul. **Entrevista de Gaston-Paul Effa concedida ao canal TV5Monde.** Disponível em: <http://www.tv5.org/TV5Site/enseigner-apprendre-francais/jeu-Le_reve_africain.htm?id_dossier=88&jeu=741#ancre>. Acesso em: 12 mai. 2014.

FREITAS, Letícia F. R. **Recorrências e rupturas no gênero discursivo entrevista: uma análise a partir do texto acadêmico.** 2009. Disponível em: < http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/recorrencias_e_rupturas_no_genero_discursivo_entrevista_uma_analise_a_partir_do_texto_academico.pdf >. Acesso em: 20 mai. 2014.

HOFFMANN, Thaís. **O papel da escola na interação e aplicação dos gêneros orais na escola.** 2009. Disponível em < http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/o_papel_da_escola_na_interacao_e_aplicacao_dos_generos_orais_na_escola_reporter_mirim.pdf >. Acesso em: 20 mai. 2014.

PACHECO, Letícia. P. **O gênero entrevista como ferramenta de ensino em aulas de língua portuguesa.** Disponível em: < http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/artigo08_2/leticia.pdf >. Acesso em: 08 jun. 2014.

PINTO, Cândida M. **Gênero entrevista: conceito e aplicação no ensino de português para estrangeiros.** 2007. Disponível em: < <http://www.abralin.org/revista/RV6N1/08-Candida-Martins.pdf> >. Acesso em 27 mai. 2014.

SCHULZ L., CUSTODIO M. & VIAPIANAS. **Concepções de Língua, linguagem, ensino e aprendizagem e suas repercussões na sala de aula de língua estrangeira.** 2012. Disponível

em <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/ple/article/viewFile/1434/1088> >. Acesso em 10 jun. 2014.